



## MATERNIDADE, O ASSUNTO PENDENTE DO FEMINISMO: UMA ANÁLISE MATRICÊNTRICA SOBRE O DOCUMENTÁRIO “ELAS NA CIÊNCIA”

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**FREITAS; Maíra de O. <sup>1</sup>, SILVA; Juliana Marcia Santos <sup>2</sup>**

### RESUMO

#### INTRODUÇÃO

A maternidade é considerada pela feminista matricêntrica O'Reilly [1][2][3] como um assunto ainda pendente do feminismo. Sendo o interesse de pesquisa das autoras deste trabalho no tema “Mães na universidade” escolheu-se trazer os conceitos e análises sobre o campo de estudos maternos e o feminismo matricêntrico para articular a centralidade da maternidade nos movimentos sociais e na academia como potência insurgente no feminismo.

O'Reilly é professora titular na Escola de Gênero, Sexualidade e Estudos das Mulheres, na Universidade de York, em Toronto, Canadá. Tem mais de vinte livros publicados na área e seu trabalho envolve a luta pela equidade de gênero e pelos direitos das mulheres, especialmente as mães. Seus livros ainda não foram traduzidos para o português o que acaba por dificultar a proliferação de seu trabalho no Brasil, contudo algumas pesquisadoras têm se empenhado na tradução de seu pensamento, sendo a principal expoente Maria Collier de Mendonça da Universidade Federal de Pernambuco. O termo *Motherhood Studies* cunhado por O'Reilly foi traduzido por Mendonça [4] como “Estudos Maternos” para demarcar o campo teórico, interdisciplinar e autônomo dos estudos sobre maternidade e maternagem que dialogam com os estudos das mulheres e os estudos feministas. Baseados em conceitos derivados de Adrienne Rich, Sara Ruddick, Patricia Hill Collins, Andrea O'Reilly, dentre outras, o campo integra ciências humanas, sociais e biológicas. [5]

Por considerar que os estudos feministas não abarcam de forma justa os estudos maternos, O'Reilly propõe a construção de teorias que tenham a maternidade e a maternagem como centro, o que denominou de feminismo matricêntrico. Já as bases conceituais de maternidade e maternagem tiveram suas traduções a partir das palavras *motherhood* (maternidade) e *mothering* (maternagem), no trabalho de pesquisa doutoral Mendonça [4]. Tais conceitos se diferenciam segundo Mendonça [5], uma vez que o trabalho materno (maternagem), situa-se no âmbito das experiências e práticas cotidianas. Já a maternidade é uma instituição patriarcal que acentua as desigualdades de gênero. Portanto, a partir de pressupostos ideológicos (O'Reilly enumera os dez principais em seu trabalho), a cultura da maternidade patriarcal é moldada e, conseqüentemente, tornam a maternagem opressiva para as mulheres.

#### MÉTODOS

Utilizando os conceitos e análises de O'Reilly analisamos o filme “Elas na ciência”. O filme é um longa-metragem, gênero documentário, produzido nos Estados Unidos no ano de 2020, com título

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / ProPEd-UERJ. Professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira freitasmaira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro-RJ-Brasil, julianamss@msn.com

original “Picture a Scientist”, traduzido para o português como “Elas na Ciência”, disponível no Brasil através da plataforma Netflix.

A temática central do documentário é a questão da igualdade de gênero e a inclusão na ciência através da trajetória de três mulheres cientistas proeminentes, acompanhando suas lutas por respeito em um ambiente marcado pela desigualdade, racismo sistêmico, assédio sexual e preconceito institucional. Além dos relatos, o documentário utiliza também dados estatísticos que apontam que as mulheres recebem 50% dos diplomas de bacharelado em ciências e áreas técnicas nos Estados Unidos, mas representam apenas 29% das pessoas empregadas nessas áreas.

Baseadas nos pressupostos teóricos do feminismo matricêntrico analisaremos o documentário.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documentário apresenta a professora de biologia do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) Nancy Hopkins, a química Raychelle Burks e a geocientista Jane Willenbring e, através de discussões sobre suas respectivas carreiras e as barreiras que enfrentaram como mulheres, trazem à tona os problemas enfrentados em STEM (*science, technology, engineering and mathematics* em português: ciência, tecnologia, engenharia e matemática).

Entre os aspectos notáveis do documentário, a Dr<sup>a</sup>. Hopkins descreve o assédio sexual durante sua trajetória acadêmica, culminando no momento em que a mesma mede o espaço disponível no laboratório em que trabalha e comprova a disparidade entre o espaço disponível para mulheres quando comparadas com os pesquisadores do sexo masculino, que possuíam mais espaço. Um dos aspectos apontados pela cientista no caso do MIT é a recusa dos pesquisadores em usufruir do *family leave (licença parental)*, pois já era sabido que aqueles que tiram essa licença geralmente não se tornavam professores titulares na instituição. Ressaltamos que essa licença na instituição está prevista tanto para em caso de nascimento de filhos quanto para realizar o cuidado de parentes com problemas de saúde, atividades de cuidado que historicamente são centralizadas nas mulheres, desta forma fica evidente que muitas mulheres vivem o conflito entre as exigências sociais da dedicação ao cuidado e as exigências da carreira profissional.

Após argumentar com seus superiores sobre o preconceito que vivia e ser ignorada, aliou-se a outras pesquisadoras mulheres para coletar dados que compuseram o estudo histórico de 1999 sobre o preconceito de gênero denominado “Situação de Mulheres Docentes em Ciências no MIT”, que documentou a porcentagem linear de mulheres docentes ao longo de uma década, trouxe dados que demonstravam as razões explícitas para o abandono das mulheres e ofereceu recomendações como salários iguais e creches no campus. As pesquisadoras envolvidas enfatizam que tal estudo só foi recebido de maneira positiva pois baseava-se em dados quantitativos, o que demonstra o maior valor dado aos números pela ciência. Tal estudo repercutiu no ensino superior dos EUA e forçou muitos administradores a enfrentar a discriminação arraigada.

Hopkins, embora demonstre orgulho de sua luta e consciente da importância dos documentos gerados a partir de suas intervenções, deixa claro que toda essa luta lhe custou muita energia e tempo e que “preferia ter passado esse tempo fazendo ciência”. O documentário enfatiza que com a construção da creche no MIT o número de professoras titulares dobrou, o que demonstra a importância da creche na carreira das mulheres mães.

A Dr<sup>a</sup>. Burks agrega raça à discussão trazida pelo documentário, pois é uma mulher negra cientista. Burks traz exemplos como no dia que foi confundida com o zelador em seu local de trabalho com base, unicamente, em sua cor de pele. a pesquisadora nos traz reflexões sobre representatividade racial na ciência afirmando a necessidade em termos mais figuras de mulheres negras nestes espaços para que meninas negras também se reconheçam nestas posições pois “Se você pode ver, você pode ser”. Ressalta-se que ela é a única mulher negra em seu departamento.

A Dr<sup>a</sup>. Willenbring relata o assédio que enfrentou quando era uma jovem cientista em uma viagem à Antártica com um grupo de homens, quando foi chamada de nomes ofensivos e sexistas, teve suas habilidades diminuídas por ser mulher, além do assédio físico, principalmente pelo seu orientador David Marchant, que liderava a expedição. Ela adiciona ao debate o medo que mulheres

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / ProPEd-UERJ. Professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. freitasmaira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro-RJ-Brasil, julianamss@msn.com

têm de denunciar, serem desmentidas, mais assediadas, além de temer os potenciais efeitos prejudiciais em sua carreira. Em seu caso, a denúncia ao seu assediador foi feita dezesseis anos mais tarde, depois de atingir a estabilidade acadêmica. Após investigação, Marchant, que negou as acusações, foi demitido de seu posto na Universidade de Boston em abril de 2019. Destaca-se que a vítima precisou recorrer a seus colegas homens para que sua denúncia fosse validada.

Durante todo o filme utilizam a figura de um grande iceberg como metáfora. O filme começa na parte visível, na Antártica, onde, ainda estudante Willenbring experimentou assédio sexual traumatizante em 1999, mesmo ano de publicação do estudo do MIT. Assim como costumamos dizer “é somente a ponta do iceberg”, o filme deixa aos espectadores a ideia de que a questão grave de assédio sexual que as pesquisadoras sofreram é “apenas” o observável da superfície. Ao longo do filme a narradora e as histórias das pesquisadoras mostram que muitos outros desafios, preconceitos ou até “códigos de conduta” ou regras acadêmicas estão inseridos em uma sociedade patriarcal, misógina e sexista, portanto, a maior parte do que acontece com as mulheres cientistas constitui o iceberg oculto, mas ainda mais destrutivo e perverso, revelando a natureza sistêmica e estrutural da discriminação de gênero e assédio na academia.

O filme também aborda como as interseções de sexismo e racismo moldam experiências de maneira diferente para mulheres brancas e negras e como o preconceito estrutural gera desigualdade e nos impede de percebê-la. Duas das protagonistas são mulheres brancas com suas próprias histórias convincentes que podem, inclusive, nos impulsionar ao entendimento de uma possível meritocracia ou esforço individual. Outros eixos de subordinação e diferença, que poderiam servir como ferramentas analíticas interessantes como deficiência, classe ou orientação sexual, permanecem em grande parte na invisibilidade, neste caso nos interessa a maternidade.

No documentário, a maternidade é atravessada pela história da Dr<sup>a</sup> Willenbring que se diz encorajada a tornar sua história pública, após quase duas décadas de silêncio, por ouvir de sua filha que “gostaria de ser como ela” o que a fez temer que a filha passasse por experiências semelhantes, e assim, mesmo anos depois, faz a denúncia. No que abrange essa temática, o filme também destaca o dia a dia da cientista como mãe, levando sua filha à escola, e outras ocupações relativas ao cuidado. A cientista também afirma que levava sua filha para o laboratório algumas vezes, mas o documentário acaba por não se aprofundar esse aspecto da vivência da maternidade e os motivos que a levaram a ter a necessidade de levar a filha consigo para o trabalho tendo em vista que em O’Reilly [6] notamos uma diversidade de relatos que apresentam que geralmente mães cientistas levam seus filhos a universidade por falta de rede de apoio ou de creche.

Percebe-se que embora o filme dê destaque às questões que acentuam as desigualdades de gênero como questões raciais, não chama atenção para a questão da maternidade. No estudo sobre a Situação de Mulheres Docentes em Ciências no MIT a questão da creche é uma das sugestões, deixando claro que desde 1999 (data da publicação), as necessidades e preocupações maternas, evidenciadas pela solicitação de espaço formal, seguro e confortável para o cuidado de crianças no campus universitário já era vista como uma estratégia de diminuição das desigualdades de gênero. Tal ponto não é explorado no documentário. Nesse sentido, partindo dos estudos de O’Reilly [1][2][3][6][7] o filme parece conjugar com a ideia de que a maternidade é, de fato, uma questão pendente no feminismo. Não há qualquer menção a esse fator, embora pareça evidente, em especial da trajetória narrada pela Dr<sup>a</sup>. Willenbring, que maternagem foi a mola propulsora de seu ativismo social. Para O’Reilly [1], a maternagem pode ser um local de empoderamento, ativismo social e de poder para as mulheres. As necessidades e preocupações maternas são o ponto de partida para uma teoria e política sobre e para o empoderamento feminino. Segundo O’Reilly [1] “[...]a categoria “mãe” é distinta da categoria “mulher”, por causa de diversos problemas especificamente enfrentados pelas mães. Tais problemas afetam suas identidades e subjetividades nos âmbitos psicológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais.”

Este reposicionamento não sugere, de forma nenhuma, que o feminismo matricêntrico deva substituir o pensamento “feminista tradicional”. Ao dizer que a maternidade é uma questão pendente do feminismo, a autora nos assinala que embora os múltiplos avanços do movimento feminista, as mães permanecem oprimidas pelo patriarcado: porque são mulheres e são mães. A maternidade ocorre em situações históricas específicas enquadradas por estruturas entrelaçadas de raça, classe e gênero. Os estudos atuais do campo dos estudos maternos, tentam articular,

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / ProPEd-UERJ. Professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. freitasmaira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro-RJ-Brasil, julianamss@msn.com

principalmente através da análise interseccional proposta por Crenshaw [9], outros fatores que influenciam na vida de mulheres e crianças. Considerar a maternidade como universal, como assinala Collins [8] é desconsiderar múltiplos fatores, dentre eles que “filhos e filhas de mães brancas têm “todas as oportunidades e proteção”, e as filhas e filhos “de cor” de mães étnicas raciais “não conhecem o destino”. Nesse sentido, cabe destacar que a teorização feminista sobre a maternidade não pode ser imune à descontextualização do pensamento social ocidental em geral. Centrar a teorização feminista nas preocupações das mulheres brancas de classe média leva a suposições universais, eurocêntricas, racistas, sexistas e heterocisnormativas. Para reagir a tal pendência, conseqüentemente, as mães precisam de um feminismo organizado a partir de e para sua identidade particular e trabalho enquanto mães

Em pelo menos sessenta anos de feminismo organizado, a teoria avançou em múltiplos aspectos, foi aprimorada, incluiu diferentes perspectivas, mas, apesar disso, as demandas do feminismo matricêntrico ainda não foram atendidas com o mesmo respeito, nem com o mesmo reconhecimento, em especial, pelo feminismo acadêmico. O contexto de mudança do perfil das mulheres jovens na sociedade brasileira, bem como o movimento feminista e suas demandas, cobram da universidade sua responsabilidade no sentido de colaborar no combate às desigualdades de gênero.

## CONCLUSÃO

A análise acerca do documentário evidencia o quanto a questão da maternidade ainda se encontra pouco explorada em iniciativas feministas na ciência, pois mesmo que em diversos pontos do documentário a questão da maternidade e da feminização do cuidado acabe surgindo, estes temas não são aprofundados.

As creches surgem no documentário como um importante elemento para permanência das mães, no caso do MIT surgem como pauta principal do movimento e também é a partir da criação das creches que nota-se a redução no número de evasões, enfatizando o quanto essas instituições são indispensáveis para a permanência das mulheres nas universidades.

A interseccionalidade [9] enquanto ferramenta teórica demonstrou-se relevante para pensar, além de gênero, raça e classe, a questão da maternidade enquanto um eixo de subordinação tão relevante quanto os outros. Por conseguinte, assim como outros movimentos que se organizam em torno do enfrentamento de diferentes eixos de subordinação a organização das mães em luta, especialmente nos coletivos tem sido o caminho adotado, assim como fazem outros grupos socialmente subalternizados. Desta forma, o feminismo matricêntrico torna-se um tema relevante para pensar o gênero nas ciências, tendo em vista que as mães têm vivências de subordinação diferenciadas que estão diretamente relacionadas ao fato de terem filhos. Assim reafirma-se que a categoria “mãe” se diferencia da categoria “mulher”. Ressaltamos que a maternidade normativa ainda é uma instituição patriarcal, opressiva e que acentua as desigualdades de gênero. A percepção de ser mulher, de ser mãe, de ser universitária ou cientista/pesquisadora e os papéis decorrentes de todas essas relações interseccionadas são construções sociais que são fortemente internalizadas, inclusive, pelas próprias mulheres e que não foram suficientemente exploradas pelo movimento feminista.

## REFERÊNCIAS

1. O'REILLY, Andrea. *Matricentric Feminism: Theory, Activism, Practice*. Toronto: Demeter Press, 2016.
2. O'REILLY, Andrea. *Rocking the Cradle: Thoughts on Feminism, Motherhood and the Possibility of Empowered Mothering*. Toronto: Demeter Press, 2006.
3. O'REILLY, Andrea. *Maternal Thinking: Philosophy, Politics, Practice*. Toronto: Demeter Press, 2009.
4. MENDONÇA, Maria Collier. *A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. p.324.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / ProPEd-UERJ. Professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira  
freitasmaira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro-RJ-Brasil, julianamss@msn.com

5. MENDONÇA, Maria Collier. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. Revista *Ártemis*, vol. XXXI nº 1; jan-jun, 2021. p. 56-72.
6. O'REILLY, Andrea (org.). *Twenty-first century motherhood: Experience, identity, policy, agency*. Toronto: Demeter Press, 2010.
7. O'REILLY, Andrea (org.). *Maternal Theory: Essential Readings*. Toronto: Demeter Press, 2007.
8. COLLINS, Patricia HILL. *Shifting the Center: Race, Class and Theorizing About Feminist Mothering* In: O'REILLY, Andrea. *Maternal Theories: Essential Readings*. Toronto: Demeter Press, 2007, p. 311-330.
9. CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, Santa Catarina, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

**PALAVRAS-CHAVE:** elas na ciência, mulheres cientistas, gênero nas ciências, mães cientistas

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / ProPEd-UERJ. Professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. freitasmaira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro-RJ-Brasil, julianamss@msn.com